

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL

EM TEMPOS DE GUERRA:
Família e correspondências entre a elite farroupilha
(Rio Grande do Sul, 1835-1845)

Carla Adriana da Silva Barbosa

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para a obtenção de grau de Especialista em História.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Teixeira Weber

Santa Maria

Abril, 2008

EM TEMPOS DE GUERRA:
Família e correspondências entre a elite farroupilha
(Rio Grande do Sul, 1835-1845)

Carla Adriana da Silva Barbosa

Monografia de Especialização submetida ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em História.

Banca Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Teixeira Weber

Prof. Dr. André Átila Fertig

Prof. Ms. José Iran Ribeiro

Santa Maria
Abril, 2008

RESUMO

Estudar as relações familiares da elite farroupilha é entender a sociedade do século XIX, pois a família neste período ocupava uma posição dominante como uma instituição social, comercial e política. Nesta pesquisa procurou-se entender, através da análise de dois casais, algumas formas de organização familiar entre esta elite. Para isto, explicou-se o contexto político e sócio-econômico encontrado em meio a Guerra dos Farrapos (1835-1845) com a ajuda de bibliografias, genealogias e correspondências trocadas entre os farroupilhas Domingos José de Almeida e Antônio Vicente da Fontoura com suas respectivas esposas Bernardina Barcellos de Almeida e Clarinda Porto da Fontoura. Este grupo era formado por famílias que atuavam em diferentes áreas: da pecuária extensiva, do comércio até das atividades políticas e militares. Neste contexto condicionado pela instabilidade da guerra, tanto homens quanto mulheres ocupavam importantes papéis familiares e entre os casais havia uma grande relação de confiança e parceria. Além disto, existia uma atenção ao futuro dos filhos, mostrada na preocupação de seu aprendizado e nas tentativas de manutenção dos bens materiais e simbólicos pertencentes a estas famílias.

RESUMEN

El hecho de estudiar las relaciones familiares de la elite *farroupilha* es comprender la sociedad del siglo XIX, pues en este periodo la familia tenía una posición de dominancia como una institución social, comercial y política. En esta investigación se ha buscado comprender algunas formas de la organización familiar en este grupo social a través de un análisis de dos matrimonios. Para tal, se explica el entorno político y socioeconómico ubicado en medio a la *Guerra dos Farrapos* (1835-1845) basada en bibliografías, genealogías y cartas cambiadas entre los *farroupilhas* Domingos José de Almeida y Antônio Vicente da Fontoura con sus respectivas esposas Bernardina Barcellos de Almeida y Clarinda Porto da Fontoura. El grupo *farroupilha* era formado por familias que actuaban en distintas áreas de la pecuaria extensiva, del comercio, incluso de las actividades políticas y militares. En este entorno, bajo la inestabilidad de la guerra, tanto hombres como mujeres desempeñaban importantes papeles familiares y entre las parejas había una fuerte relación de confianza y complicidad. Además de esto, había un cuidado con el futuro de los hijos, presentado por la preocupación de su aprendizaje y en la manutención de los bienes materiales y simbólicos pertenecientes a estas familias.

AGRADECIMENTOS

Meus primeiros agradecimentos vão aos meus pais: pessoas maravilhosas com quem sempre posso contar.

Quero agradecer também aos amigos pelo apoio e pelos empréstimos de livros.

Ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria e aos professores que a ele se dedicam.

Muito obrigada a minha orientadora pela paciência e pela ajuda.

“A família é o primeiro refúgio em que o indivíduo ameaçado se protege durante os períodos de enfraquecimento do Estado”.

George Duby

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS.....	8
INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 – HISTÓRIA DA FAMÍLIA.....	11
1.1. Estudos sobre Família.....	11
1.2. Estudos sobre Família no Rio Grande do Sul.....	13
1.3. Algumas informações sobre o casamento no Brasil do século XIX.....	15
CAPÍTULO 2 – CASAMENTO, FAMÍLIA E ELITE FARRAPILHA.....	18
2.1. Entendendo o casamento e a família entre a elite farroupilha.....	21
2.2. Charqueadores e comerciantes: Domingos e Antônio.....	22
CAPÍTULO 3 – AS CORRESPONDÊNCIAS.....	27
3.1. Confiança e Parceria	28
3.2. As mulheres da elite farroupilha (1835-1845).....	33
3.3. Filhos.....	37
CONCLUSÃO.....	41
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	43

LISTA DE ABREVIATURAS

AHRS – Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

AAHRS – Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

C.V. – Coleção Varella

INTRODUÇÃO

Entre os anos 1835 e 1845, eclodiu ao sul do Império brasileiro uma guerra de proporções políticas, econômicas e sociais, conhecida como Guerra dos Farrapos. Durante este tempo, famílias foram separadas, casais deixaram de conviver, muitos parentes e amigos morreram em batalhas. O afastamento, no entanto, nos legou cartas nas quais encontramos uma variedade de informações a respeito do cotidiano destes homens e mulheres no período deste conflito. Foi o que sucedeu com os líderes farroupilhas Domingos José de Almeida e Antônio Vicente da Fontoura, que participaram da guerra e se corresponderam ativamente com suas esposas. Através destas correspondências se pode perceber como esse tempo de luta afetou suas vidas e quais as formas que estes sujeitos, com a ajuda de seus familiares e da comunidade, tentaram sobreviver ao período de guerra.

Para um melhor entendimento daquela sociedade, e dos homens e mulheres que a compunham, é necessário compreender melhor suas ações nesta mesma sociedade e nesse combate, suas práticas, seu convívio, seus conflitos e sua organização. Assim, o objetivo desta monografia é o estudo destas relações estabelecidas entre alguns homens e mulheres da elite farroupilha.

A Guerra dos Farrapos tem sido um dos temas mais trabalhados em nossa historiografia, contudo, os pesquisadores deram maior ênfase ao contexto político/econômico da época, sem dispensar grande importância ao cotidiano dos que viveram este período, participando e presenciando a guerra. Dessa forma, um estudo sobre as relações conjugais e familiares no Rio Grande do Sul durante esse conflito surge como uma possibilidade de se aprofundar o entendimento que se tem da sociedade em questão. Esta elite farroupilha é entendida como um grupo que tem sua formação a partir de alguns criadores, charqueadores e comerciantes, que participaram ativamente da guerra farroupilha, onde, a maioria destes eram incumbidos das principais decisões sobre as questões políticas e militares. Incorpora-se também a este projeto a investigação da posição ocupada pelas mulheres desse extrato social nas famílias e na sociedade e como estes casais, enquanto elementos associados se relacionavam entre si e com seus filhos.

Abordamos para este estudo alguns modelos elaborados para o estudo da família pela historiografia internacional, como também pela brasileira e sul-rio-grandense. Estes modelos

nos mostram diferentes perspectivas a respeito das formações e organizações familiares em diferentes períodos e contextos, onde se encontram o reconhecimento da importância do parentesco e das estratégias de reprodução de diferentes grupos, entre eles, a elite.

Nesse estudo específico, com o fito de alcançar os objetivos propostos, se fez o uso de *correspondências pessoais dos chefes farroupilhas* encontradas nos Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (Coleção Varela), juntamente com *biografias* e *genealogias* destes sujeitos. A escolha dos chefes farroupilhas e suas esposas como sujeitos de estudo para este trabalho não se fundamenta na crença que somente estes produziam cultura e Silvia Arend¹ nos mostra isso em sua análise sobre as camadas populares e suas relações com a conjugalidade. O que motivou esta pesquisa foi o propósito de entender as práticas familiares da elite farroupilha e de que forma estas relações contribuíram para a organização deste grupo dentro do contexto político-econômico-social no período da guerra dos Farrapos. Desta forma, procurando principalmente analisar as articulações ocorridas para sua manutenção e sobrevivência. O estudo destes elementos se torna ainda mais interessante pelo fato de ser possível acessar fontes como as correspondências e documentos pessoais dos homens e mulheres que estão no foco desta investigação.

Primeiramente, a pesquisa tratou da história da família e de sua historiografia desde os estudos europeus e norte-americanos, passando pelas pesquisas de historiadores brasileiros e chegando aos recentes trabalhos realizados sobre família no Rio Grande do Sul. Estes trabalhos nos mostram diferentes aspectos e modelos de análises de grupos familiares.

No segundo capítulo, faz-se uma análise geral da Guerra dos Farrapos a fim de contextualizar os sujeitos investigados e a sociedade em que viviam. Desenvolve-se um entendimento do casamento e da família entre a elite farroupilha, além de investigar, com a ajuda de biografias e genealogias, as famílias e a atuação de Domingos José de Almeida e Antônio Vicente da Fontoura ao longo do século XIX em diferentes atividades.

O terceiro capítulo é dedicado às correspondências legadas por estes casais e sua importância para esta pesquisa, tratando da questão da confiança e parceria existente entre os mesmos, da atuação das mulheres pertencentes a estas famílias e a elite farroupilha, além da atenção dada aos filhos e seu aprendizado.

¹ AREND, Silvia Maria Fávero. *Amasiar ou casar? A família popular no final do século XIX*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

CAPÍTULO 1

HISTÓRIA DA FAMÍLIA

1.1. ESTUDOS SOBRE FAMÍLIA

Os estudos de história da família ganharam grande impulso a partir das pesquisas sobre demografia histórica realizados pela historiografia europeia por volta da metade do século XX. Destacam-se nestes estudos sobre a família e demografia histórica Peter Laslett e o Grupo de Cambridge² e os autores, Louis Henry³ e Michel Fleury⁴. Outro autor de importância é o historiador Michael Anderson, que se dedicou à pesquisa histórica sobre a família, estabeleceu uma tipologia com quatro linhas de abordagens para a História da família: a “psico-história”, não comentada pelo autor devido este achar que há sérios problemas de métodos nela encontrados; a demográfica; a dos sentimentos e a da economia doméstica⁵. A demografia histórica se constituiu em disciplina autônoma a partir da segunda metade da década de 1940. Todavia, os estudos demográficos partiam mais da qualidade das fontes de uma determinada região do que do significado destas para o entendimento e

² Criaram uma metodologia que tem como base a exploração quantitativa das listas nominativas de população. Sua análise centrou-se sobre as unidades domésticas de produção e consumo (*households*), enfatizando a co-habitação como critério para estabelecer tipologias familiares e para analisar o comportamento econômico dos membros das famílias (aqueles que habitavam um mesmo lar e cozinhavam em torno de um mesmo fogo). Ver em: LASLETT, Peter. *Households and Family in Past Time*, Cambridge: Cambridge University Press, 1972.

³ HENRY, Louis. *Técnicas de análise em Demografia Histórica*. Curitiba: UFPR, 1997.

⁴ Seus trabalhos centram-se na exploração de registros paroquiais (casamento, batismo, óbito) e contribuíram no estudo das influências recíprocas entre a dinâmica populacional (taxas de natalidade e mortalidade, idade dos cônjuges ao casar, celibatos, etc.) e as estruturas e transformações dos grupos familiares.

⁵ FARIA, Sheila de Castro. História da Família e da Demografia Histórica. IN: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO; Ciro F. *Domínios da História*. Ensaios de Teorias e Metodologia. 8.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 241-250.

composição de estruturas e teorias mais amplas. Um outro tipo de abordagem encontrada na tipologia de Anderson, a da economia doméstica, destaca-se pela análise do comportamento econômico dos membros que coabitam um mesmo espaço e a família é vista enquanto unidade de produção e consumo. Há ainda, segundo o mesmo autor, a abordagem dos sentimentos, em que as idéias e os significados sobre a família prevalecem. Nesta abordagem, há uma vertente que sugere que os sentimentos sofrem transformações significativas e fundamentais, embora vagarosas, e a família torna-se individualista, conjugal, restrita aos espaços privados e diferenciada do resto da comunidade. Contudo, seus horizontes foram sendo ampliados e revistos e surgiram novas abordagens que utilizaram novas metodologias, que não só a demografia, juntamente com outros tipos de materiais para estudar a família. Entre estes diferentes tipos de abordagem encontra-se um dos autores mais conhecidos sobre seus estudos a respeito da família: Philippe Ariès⁶.

No Brasil, dois dos grandes precursores do estudo da família foram Oliveira Vianna⁷ e Gilberto Freyre⁸ e seus estudos sobre a família patriarcal brasileira. Na década de 1970, os estudos precedentes da família se baseavam, sobretudo, em viajantes e criticaram o modelo teórico de família patriarcal como modelo dominante na família brasileira nos períodos colonial e monárquico. Eles tiveram três referências básicas: a demografia histórica, a análise da economia doméstica e os debates interdisciplinares em ciências sociais, que encontram como expoentes Maria Luíza Marcílio⁹ e Eni de Mesquita Samara¹⁰; que têm seus trabalhos caracterizados por uma investigação fundamentada na demografia histórica. Nos anos 80, Mariza Corrêa¹¹ e Maria Odila Dias¹² refazem uma análise da família no Brasil, criticando muito das idéias existentes sobre o patriarcalismo brasileiro e identificando estruturas da população e organização de famílias e domicílios de formas diversificadas, o bastante para questionar o padrão patriarcal e escravocrata dos estudos anteriores. A partir dos anos 90, os

⁶ Com a ajuda da história das mentalidades, Ariès analisa e interpreta as sociedades tradicionais, além de mostrar o novo lugar assumido pela criança e a família nas sociedades industriais. ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2. ed. Tradução Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

⁷ VIANNA, Oliveira. *Populações Meridionais do Brasil*. Volume 01. Belo Horizonte: Itatiaia, Niterói: EDUFF, 1987. / VIANNA, Oliveira. *Populações Meridionais do Brasil*. Volume 02. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

⁸ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997. / FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1961.

⁹ MARCÍLIO, Maria Luíza. *Crescimento demográfico e evolução agrária paulista 1700-1836*. Tese de livre-docência. São Paulo: FFLCHUSP, 1974.

¹⁰ SAMARA, Eni de Mesquita. *O papel do agregado na região de Itu (1780-1839)*. São Paulo: Museu Paulista, 1977.

¹¹ CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira. IN: ARANTES, Antonio Augusto [et al.]. *Colcha de Retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. 3. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1994, pp.15-42.

¹² DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. 2.ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 1990

pesquisadores ampliaram seus estudos e passaram a se dedicar ainda mais à análise de outros tipos de formações familiares existentes no Brasil. Entre estas formações familiares encontram-se as famílias escravas, famílias camponesas e famílias operárias, entre outras, analisadas, respectivamente, por Robert W. Slenes¹³, Carlos Rodrigues Brandão¹⁴ e Isabel Bilhão¹⁵. Além da ampliação das abordagens no estudo da família e na própria tipologia desta para a sociedade brasileira, estas obras apontaram caminhos pelos quais é possível ler as realidades familiares do passado através de uma documentação diversificada, ampla e através da qual toda uma nova senda de estudos pode ser descortinada, entre eles a história do casamento e sua importância na sociedade brasileira através de diferentes períodos, regiões e grupos sociais.

1.2. ESTUDOS SOBRE FAMÍLIA NO RIO GRANDE DO SUL

A historiografia sul-rio-grandense, em algumas ocasiões, referiu-se à temática familiar e aos costumes e tradições da sociedade em questão, este foi o caso de Dante de Laytano¹⁶, Ramiro Barcelos¹⁷, de Klaus Becker¹⁸ e Augusto Meyer¹⁹. Muitas destas obras basearam-se em relatos de viajantes²⁰ que haviam passado pelo Rio Grande do Sul entre os séculos XVIII e XIX, porém poucas vezes estes foram percebidos como relatos feitos por estrangeiros sobre aquilo que para eles era o *diferente*. Outras obras dedicaram-se às práticas cotidianas femininas na sociedade rio-grandense do século XIX, como é o caso do livro *Mulheres*

¹³ SLENES, Robert. *Na Senzala uma Flor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

¹⁴ BRANDÃO, Carlos R. Parentes e Parceiros. Relações de produção e relações de parentesco entre camponeses de Goiás. IN: ARANTES, Antonio Augusto [et al]. *Colcha de Retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. 3. ed. São Paulo: UNICAMP, 1994, pp.115-159.

¹⁵ BILHÃO, Isabel A. *Família e movimento operário: a anarquia dentro de casa*. Estudos Ibero-americanos, v.02, n.02, 1996, pp.195-210.

¹⁶ LAYTANO, Dante de. *Folclore do Rio Grande do Sul: levantamento dos costumes e tradições gaúchas*. Caxias do Sul: EDUCS, Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço Brindes, Martins Livreiro, 1984.

¹⁷ BARCELOS, Ramiro. *Rio Grande: Tradição e Cultura*. Porto Alegre: FLAMA, 1970.

¹⁸ BECKER, Klaus. *Enciclopédia Rio-grandense*. Canoas: Regional, 1956.

¹⁹ MEYER, Augusto. *Guia do Folclore Gaúcho*. Rio Grande do Sul: Instituto Nacional do Livro, 1975.

²⁰ SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul 1820-1821*. Tradução Leonam de Azevedo Penna. Belo Horizonte: Editora Universidade de São Paulo, 1974. / ISABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio Grande do Sul 1833-1834*. Tradução Dante de Laytano. 2 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

*Farroupilhas*²¹, de Fernando Osório, que traz pequenas biografias de algumas mulheres que viveram o período da guerra.

Recentemente, a historiografia sobre o Rio Grande do Sul tem feito uso de novos materiais como testamentos, licenças para casamento, registros de óbitos, entre outros e de novas análises sobre mulheres, relações familiares e casamento na virada do século XIX para o XX. Exemplos podem ser verificados nos estudos de Adriana K. de Senna em seu livro *A instituição matrimonial: os casamentos em Rio Grande (1889-1914)*²². A autora se propôs, através da reconstituição dos sistemas de casamento e a partir das discussões sobre este, travadas na bibliografia pertinente ao seu trabalho, nos jornais e nos códigos legais, a evidenciar aspectos dos padrões de comportamento da população rio-grandina num período de transformações, como a passagem do século XIX para o XX. Outra autora, Silvia Arend, em seu livro, *Amasiar ou casar? A família popular no final do século XIX*²³, investigou as famílias populares em confronto com as normas familiares das elites, as quais pretendiam normalizar as famílias das classes subalternas para que estes se tornassem trabalhadores disciplinados e adequados à manutenção da ordem social.

No que concerne às relações familiares e redes de solidariedade no período colonial no Rio Grande de São Pedro, destacam-se os trabalhos de Gil²⁴, Hameister²⁵ e Kühn²⁶. Tiago L. Gil estuda a importância do comércio de contrabando nas regiões de Rio Grande e Rio Pardo, ponto de confluência entre os Impérios luso e espanhol no sul da América entre 1760 e 1810. O autor, entre outras coisas, aponta a existência de redes de relacionamento, ancorados em postos de governo, agindo como base de sustentação do contrabando. Martha D. Hameister analisa a formação da sociedade do Continente do Rio Grande de São Pedro, privilegiando o comércio de seus animais e produtos, através de um mapeamento dos homens que atuaram neste comércio de tropas e suas famílias. Quanto a Fábio Kühn, este desenvolve uma perspectiva que lhe permitiu reconhecer a importância do parentesco para as estratégias de reprodução das elites locais da vila de Laguna e da região dos Campos de Viamão, no século

²¹ OSÓRIO, Fernando. *Mulheres Farroupilhas*. Porto Alegre: Globo, 1935.

²² SENNA, Adriana K. de. *A instituição matrimonial: os casamentos em Rio Grande (1889-1914)*. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2001.

²³ AREND, Silvia M. F. *Amasiar ou casar? A família popular no final do século XIX*. Porto Alegre: Editora Universidade/ UFRGS, 2001.

²⁴ GIL, Tiago Luís. *Infieis Transgressores: os contrabandistas da fronteira (1760-1810)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, PPG – História Social, 2002 (dissertação de Mestrado).

²⁵ HAMEISTER, Martha Daisson. *O Continente do Rio Grande de São Pedro: os homens suas redes de relações e suas mercadorias semoventes*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. PPG - História Social, 2002 (dissertação de Mestrado).

²⁶ KÜHN, Fábio. *Gente da Fronteira: Família, sociedade e poder no sul da América Portuguesa – século XVIII*. Niterói: Universidade Federal Fluminense. PPG - História Moderna, 2006 (tese de Doutorado).

XVIII. Quanto ao século XIX, o trabalho de Farinatti²⁷ sobre relações familiares inseridas na sociedade agrária da fronteira Sul do Brasil, nos apresenta uma elite agrária, que através de diferentes estratégias, estava inserida em diversos campos de atuação.

Estes trabalhos têm se mostrado de grande importância aos novos pesquisadores da família no Rio Grande do Sul, já que expõem a composição de variadas relações sociais, econômicas e políticas, que organizavam a sociedade sul-rio-grandense em diferentes períodos e sob diversos aspectos. Quanto a este trabalho, ele se aproxima dos demais por entender a importância das estratégias familiares, do parentesco e das redes de relacionamento para o conhecimento da organização e manutenção da sociedade sul-rio-grandense do século XIX.

1.3. ALGUMAS INFORMAÇÕES SOBRE O CASAMENTO NO BRASIL DO SÉCULO XIX

Antes mesmo de ser um sacramento, o casamento era um contrato civil importante para a transmissão de bens e patrimônio. Originava-se de acordos familiares inseridos em uma rede de solidariedades, deveres e obrigações mútuas, não descartando o afeto na constituição de um matrimônio. Os pais tinham papel fundamental no futuro dos filhos, auxiliando-os na construção de uma vida matrimonial, tanto contribuindo materialmente com dotes, doações, uso da terra ou de escravos, herança, quanto na escolha do cônjuge. A escolha de um par deveria ser feita com cautela, pois o matrimônio era indissolúvel, salvo exceções. Além disso, a escolha certa poderia trazer a obtenção de uma melhor posição social e pública, estabilidade e ampliação dos negócios familiares. A família procedeu como instituição social no Brasil, onde as famílias proprietárias e administradoras de seus negócios foram, predominantemente, a forma de organização econômica no século XIX²⁸. Esta posição da família como uma

²⁷ FARINATTI, Luís Augusto Ebling. *Confins Meridionais: famílias de elite e sociedade agrária na Fronteira Sul do Brasil (1825-1865)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. PPG – História Social, 2007 (tese de Doutorado).

²⁸ KUZNESOF, Elizabeth A. A Família na Sociedade Brasileira: Parentesco, Clientelismo e Estrutura Social (São Paulo, 1700-1980). IN: SAMARA, Eni de Mesquita (org.). *Família e Grupos de Convívio*. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, vol.09, n.17, setembro de 1988/ fevereiro de 1989, pp. 37-63.

instituição econômica era legitimada pela legislação que regulamentava as heranças e também pela legislação comercial e familiar²⁹. Segundo a lei sobre as heranças, o casamento se dava como uma comunhão universal³⁰. A esposa tinha direito a metade dos bens do casal, os filhos tinham direitos iguais sobre dois terços de cada metade dos bens do casal e uma terça parte dos bens seria distribuído de acordo com a vontade do testador.

No costume português e nos códigos legais, o marido e o pai eram designados como o chefe da família, responsável pela administração, controle, disciplina e proteção de seus filhos, esposa, agregados, empregados ou escravos³¹. Esta influência paterna e as práticas políticas e econômicas elevavam a produção de casamentos endogâmicos (entre primos, entre tios e sobrinhas) e casamentos de filhos e filhas com aliados políticos e comerciais. Estes casamentos tendiam a ser matrilocais (residência dos recém-casados com ou junto dos pais da mulher³²), atribuindo ao poder paterno um maior controle sobre a vida dos cônjuges, já que a família poderia estar sempre próxima do casal e assim, ponderar suas ações. Parentesco, parentesco ritual (compadrio/comadrio), redes de solidariedade, trocas e clientelismo eram as bases da estrutura familiar.

No decorrer do século XIX, ocorreram algumas mudanças jurídicas e institucionais que modificaram a sociedade brasileira, orientando a sociedade mais para as “classes” em contraposição às relações do tipo “casta” ou “estamentos”³³. As redes familiares também tiveram que se reorganizar por causa das novas instituições e posições políticas que surgiram no século XIX. A elite passou a facilitar o progresso individual de membros da família para o estabelecimento de alianças a fim de atingir novos objetivos políticos e econômicos e assim atuar em diversos campos, passando de relações predominantemente endogamas para dar espaço também aos casamentos exogamos.

As mudanças jurídicas e institucionais também modificaram as relações familiares internas. Com o declínio do uso do dote, sua função, que era fornecer meios para formar um

²⁹ ORDENAÇÕES FILIPINAS. Livro 4. Tit. 80-107. Disponível em <http://www.uc.pt/ihti/proj/filipinas/ordenacoes.htm>

³⁰ NAZZARI, Muriel. O desaparecimento do dote: mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

³¹ KUZNESOF, Elizabeth A. A Família na Sociedade Brasileira: Parentesco, Clientelismo e Estrutura Social (São Paulo, 1700-1980). IN: SAMARA, Eni de Mesquita (org.). *Família e Grupos de Convívio*. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, vol.09, n.17, setembro de 1988/ fevereiro de 1989, pp. 37-63.

³² BURGUIÉRE, André [et al]. *História da Família*. Mundos Longínquos. Vol.01. Portugal: Terramar, 1996, pp. 238.

³³ KUZNESOF, Elizabeth A. A Família na Sociedade Brasileira: Parentesco, Clientelismo e Estrutura Social (São Paulo, 1700-1980). IN: SAMARA, Eni de Mesquita (org.). *Família e Grupos de Convívio*. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, vol.09, n.17, setembro de 1988/ fevereiro de 1989, pp. 37-63.

domicílio e para estabelecer uma atividade lucrativa estava desaparecendo e tornando menor a dependência material dos filhos na família. A tendência a matrilocidade também diminuiu, limitando os poderes da família sobre os cônjuges³⁴.

³⁴ NAZZARI, Muriel. O desaparecimento do dote: mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CAPÍTULO 2

CASAMENTO, FAMÍLIA E ELITE FARRAPA

No decurso dos anos de 1835 a 1845, o Império brasileiro lutou contra o movimento reivindicatório mais longo de sua história: a guerra dos farrapos. Esta revolta possui vários motivos para a sua justificação, que vão desde motivações econômicas até políticas. Uma das questões levantadas dentre as causas do movimento farroupilha foi o problema com as taxações do charque sul-rio-grandense³⁵.

No século XVIII, com o advento da mineração no Brasil, o Rio Grande do Sul conquistou um importante mercado dentro da economia colonial: a produção de alimentos para a mão-de-obra escrava, especificamente, o charque. A produção de charque fortaleceu um importante grupo social na Província do Rio Grande, dentre eles os charqueadores, os estancieiros-militares (que ocupavam cargos de chefes e guardas da fronteira) e os comerciantes. Esse grupo formava a elite sul-rio-grandense, com grande poder econômico, político, social e administrativo dentro da região. Pertenciam a este grupo as famílias mais importantes da província, que, na maioria das vezes, tinham vínculos entre si (tanto familiares, como políticos e econômicos). Fazia parte da elite farroupilha não apenas pessoas nascidas em São Pedro do Rio Grande do Sul, como também pessoas vindas de outras províncias e países que se instalaram nesta Província.

Em meados do século XIX, a produção de charque sul-rio-grandense começou a sofrer concorrência do charque platino. Os produtores sul-rio-grandenses alegavam que isto se dava devido às baixas tarifas que o charque platino vinha recebendo nas alfândegas brasileiras. Um dos importantes motivos que contribuíram para a concorrência entre os charqueadores e os saladeros³⁶ foi a isenção de direitos de importação sobre o sal de Cádiz, tão importante na produção do charque, acabando por diminuir o preço do produto platino. “O interesse nos

³⁵ LEITMAN, Spencer. *Raízes sócio-econômicas da Guerra dos Farrapos*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

³⁶ Charqueadores platinos

baixos custos do charque agradava as regiões central e norte do país que diminuía os custos na alimentação dos escravos”³⁷.

Outra importante motivação encontrava-se na questão da autonomia política, visto que as questões político-administrativas eram subordinadas ao centralismo monárquico, que nomeava o presidente para a Província. Esta política central ia de encontro aos interesses da elite sul-riograndense, que alegava que os presidentes nomeados pelo governo central não conheciam os interesses da Província do Rio Grande.

Havia uma forte tendência liberal e federalista entre alguns membros da elite do Rio Grande do Sul, “que queriam garantir suas propriedades e liberdades e que acreditavam na força do Legislativo sobre o Executivo”³⁸ para que se aplicassem estas idéias. Mesmo com a criação do Ato Adicional de 1834, que concedia autonomia aos conselhos provinciais, as tensões entre a Corte e alguns grupos da elite provincial continuavam³⁹, provocando uma rebelião contra a regência brasileira, que se manteve durante dez anos.

Os “farroupilhas”, como ficaram conhecidos os rebeldes da Província do Rio Grande que lutaram contra as formas político-administrativa do governo central, baseavam suas idéias políticas em teorias republicanas e federalistas. Federalistas porque pretendiam que as províncias elessem seus presidentes, elaborassem suas próprias leis e reivindicavam a permanência do dinheiro, arrecadado na forma de impostos, nas respectivas províncias que para estes contribuía. Para o historiador Moacyr Flores⁴⁰, os farroupilhas acreditavam que o Federalismo era a única solução para atender as diversificações econômicas regionais e também pretensões políticas das oligarquias locais. Isto demonstra uma forte tendência a um liberalismo e federalismo bem particulares e de acordo com as idéias e interesses da elite farroupilha⁴¹.

Quanto ao Liberalismo, a República Rio-Grandense manteve a concepção de luta contra o poder Executivo,

(...) considerando que a soberania residia no povo, mas o cidadão, isto é, todo homem livre nascido no território da república, não podia exercer as atribuições da soberania imediatamente por si mesmo, mas sim por meio do voto, pelo modo que a lei determinava. Ficavam sem gozos de direitos políticos os menores de 21 anos, os

³⁷ PESAVENTO, Sandra J. *A Revolução Farroupilha*. São Paulo: Brasiliense, 1990, pp. 37.

³⁸ FLORES, Moacyr. *Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984, pp. 24.

³⁹ Deposição do presidente provincial indicado pelo governo regencial.

⁴⁰ FLORES, Moacyr. *Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984, pp. 24.

⁴¹ LEITMAN, Spencer. *Raízes sócio-econômicas da Guerra dos Farrapos*. Rio de Janeiro, Graal, 1979. / PADOIN, Maria M. *Federalismo Gaúcho*. Fronteira platina, Direito e Revolução. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000. / FLORES, Moacyr. *Modelo Político dos Farrapos: as idéias políticas da Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996. 4 ed.

filhos que viviam com o pai, os criados de servir, os religiosos de comunidade claustral, os soldados, aspençadas e cabos, os analfabetos, os de renda anual inferior a cem mil réis por bens de raiz, indústria, comércio ou emprego⁴².

A Guerra dos Farrapos, em sua primeira fase (20 de Setembro de 1835 a 11 de Setembro de 1836) foi caracterizada pela ação dos liberais monarquistas. Já em sua segunda fase, após 1836, a guerra foi marcada pela proclamação da República e pelos liberais republicanos, o que levou vários membros dos primeiro grupo a abandonarem o movimento farroupilha. Foi nesta segunda fase que Bento Gonçalves da Silva assumiu a presidência da então recém formada República Rio-Grandense.

Mas apesar da escolha de seu próprio presidente⁴³ e das várias vitórias do exército farroupilha sobre o exército imperial, a partir de 1843, iniciou-se um declínio das forças farroupilhas, principalmente por questões de desavenças entre os chefes militares. Esta foi a brecha encontrada pelo Império para acabar com a rebelião, oferecendo anistia aos revoltosos, se estes depusessem suas armas.

Através de um acordo⁴⁴, foi concedido à elite farroupilha o direito de escolher seu próprio presidente; permitida a transferência para o exército brasileiro, ocupando os mesmos postos a que pertenciam nas forças rebeldes; garantido o direito à propriedade e de que suas dívidas seriam pagas pelo Império, além da elevação da taxa alfandegária sobre o charque platino que seria vendido ao Brasil. Desta forma, estavam assegurados os bens materiais e simbólicos das famílias da elite farroupilha, afiançando, assim, a sua reprodução na sociedade, já que estes bens materiais e simbólicos eram vitais para a construção de relações, entre elas, as familiares.

⁴² FLORES, Moacyr. *Modelo Político dos Farrapos: as idéias políticas da Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996. 4 ed, pp. 35.

⁴³ Para manter a Guarda Nacional na guerra, os farroupilhas indicaram e depois elegeram como presidente da República o comandante-geral desta milícia, o coronel Bento Gonçalves da Silva. FLORES, Moacyr. *A Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. 4.ed., pp.69-70. Sobre a Guarda Nacional ver: FERTIG, André Átila. *Clientelismo político em tempos belicosos: a Guarda Nacional na província do Rio Grande do Sul na defesa do Estado Imperial centralizado (1850-1873)*. Porto Alegre: PPG – UFRGS, 2003 (tese de Doutorado) / RIBEIRO, José Iran. *Quando o serviço os chamava: milicianos e guardas nacionais no Rio Grande do Sul (1825-1845)*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2005.

⁴⁴ Assinatura da Paz de Ponche Verde, 28 de Fevereiro de 1845.

2.1. ENTENDENDO O CASAMENTO E A FAMÍLIA ENTRE A ELITE FARROUPILHA

Para analisar as correspondências entre os casais da elite farroupilha, foi necessário entender a organização das famílias a que estavam ligados estes sujeitos. Primeiramente, podemos ver uma família nuclear composta de pai, mãe e filhos. Contudo, não é possível analisar esta família, sem vinculá-la a outros núcleos familiares associados, já que estes sujeitos da elite estavam extremamente ligados, tanto por alianças como por parentelas consanguíneas ou não-consanguíneas, formando assim, o que Giovanni Levi⁴⁵ denomina de “núcleo parental”. Este “núcleo parental” foi muito importante no período da guerra, pois era ele que abrigava os parentes que se deslocavam de suas estâncias e charqueadas, onde havia perigo eminente, e também auxiliavam contribuindo com meios de subsistência.

Dessa forma, o casamento não figurava apenas como uma aliança entre duas pessoas, mas entre toda uma parentela. O casamento era na verdade, visto como:

(...) uma instituição social determinada pela cultura, é o complexo das normas sociais que definem e controlam as relações de um par, unido um com o outro, com seus parentes, com sua prole e com a sociedade em geral. É através do casamento que são definidos todos os direitos institucionais e sociais, deveres, privilégios e imunidades do par como marido e mulher. É ele, também, que determina a forma e atividade da associação conhecida como família⁴⁶.

O casamento teve sua origem como um contrato civil⁴⁷, sendo uma instituição básica para a transmissão de bens e originário de acordos familiares e não da escolha pessoal do cônjuge. A dinâmica de alianças e da própria família era influenciada pelas relações entre os cônjuges e a consecução dos projetos e estratégias familiares passavam por estas relações conjugais, como ainda pela relação entre os pais e os filhos. Ainda havia a preocupação com deveres e obrigações com o “núcleo parental” e com a comunidade que os cercava. Devemos pensar que havia uma espécie de “endogamia social” nesta elite. Homens e mulheres

⁴⁵ LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial*. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVIII. Tradução Cynthia Marques de Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, pp.98-99.

⁴⁶ HOEBEL, L. Adson, FROST, Everett L. *Antropologia Cultural e Social*. São Paulo: Cultrix, 1999, pp.176.

⁴⁷ Só tornou-se um sacramento na Europa em meados do século XIX. PRIORI, Mary Del. *História do Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005, pp. 27.

casavam-se com seus “iguais”, não somente por haverem questões materiais, como bens e patrimônio, mas porque era com quem conviviam a maior parte de seu tempo.

2.2. CHARQUEADORES E COMERCIANTES: DOMINGOS E ANTÔNIO

Ao final do século XVIII houve um grande desenvolvimento da produção do charque na província de Rio Grande de São Pedro e muitos destes charqueadores também eram estancieiros. Outros apenas cuidavam de adquirir o gado, tratar do salgamento da carne e colocar à venda o charque e o couro. O charque servia na alimentação dos escravos, assim, tinha como principal destino o mercado interno, ao contrário do couro, que se destinava fundamentalmente ao mercado externo⁴⁸. Entre os charqueadores estava o sujeito a seguir:

Domingos José de Almeida nasceu a 09 de julho de 1797, na freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Serro Frio, no Arraial do Tijuco (hoje Diamantina), Minas Gerais. Era filho do moleiro Domingos José de Almeida e Silva, natural de Braga, Portugal e de Escolástica Maria de Abreu, natural de Minas Gerais. Em 1819 veio à Província do Rio Grande a fim de comprar tropas de muares na vila de São Francisco de Paula⁴⁹ e por lá permaneceu com a proteção do Conselheiro Manoel Moreira de Figueiredo, sogro do Dr. João Baptista de Figueiredo Mascarenhas⁵⁰, ambos naturais da Província de Minas Gerais. Deu início as suas atividades comerciais dedicando-se, primeiramente, a uma loja de fazendas. Posteriormente, destinou-se a outros empreendimentos como olaria, fábrica de sabão e velas de sebo, a navegação fluvial, criação de gado e uma charqueada, onde introduziu o então novo processo de destilação de graxa a vapor.

Ele também fez parte da vida política da Província: em 1832 foi eleito Vereador, em 1835 fez parte da 1ª Assembléia Provincial, em que se posicionou contra o presidente Antônio

⁴⁸ PADOIN, Maria M. *Federalismo Gaúcho*. Fronteira platina, Direito e Revolução. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

⁴⁹ Pelotas.

⁵⁰ CUNHA, Zeferino José da. *Apontamentos para a história da Revolução de 1835*: Biographia de Domingos José de Almeida. Pelotas: Typographia da Livraria Americana, 1902.

Fernandes Braga. Com o início do movimento farroupilha, foi preso em sua residência, o solar às margens do arroio Pelotas, sendo levado a Rio Grande, onde ficou por três dias e foi libertado pela intervenção de Bento Gonçalves da Silva. Durante a República Rio-Grandense ocupou o cargo de Ministro do Interior e da Fazenda (decreto de 06 de Novembro de 1836), onde estabeleceu coletorias, promoveu a arrecadação de impostos, regulamentou a circulação de papel-moeda, as regras do comércio interno, as normas de navegação e as diretrizes para a representação diplomática; foi ainda Vice-presidente da República; General Quartel-Mestre; Deputado da Assembléia Constituinte e ajudou a redigir o estatuto da Constituição do novo Estado.

A educação também foi um das suas principais metas, em que se destaca a criação das denominadas escolas de primeiras letras em toda a Província. Ele ainda atuou como jornalista, escrevendo matérias de cunho político-patriótico nas colunas de “O Povo” e, mais tarde, em seu jornal “Brado do Sul”.

Com a assinatura da Paz de Ponche Verde, regressou para Pelotas a fim de reconstruir sua vida e suas economias, que foram desfalcadas durante o período da guerra e deu continuidade a sua vida pública sendo Vereador, Juiz de Órfãos e Coronel da Guarda Nacional. No ano de 1855, durante o surto de cólera morbus, fundou um hospital em Pelotas.

Almeida casou-se com Bernardina Barcellos de Lima aos 21 de Setembro de 1824, na vila de São Francisco de Paula. Bernardina nasceu em 09 de Julho de 1806, em Rio Grande, sendo filha de Bernardino Rodrigues Barcellos, um dos primeiros e mais prósperos charqueadores de Pelotas, e de Maria Francisca da Conceição. Faleceu em Pelotas, no dia 17 de Maio de 1846. Junto a Domingos teve 13 filhos: Domingos (I)⁵¹, Domingos (II)⁵², Bernardino Bráulio, Luiz Felipe, Custódia Margarida, Maria Izabel, Junius Brutus Cássio, Epaminondas, Aristides, Abrilina Decimanona Caçapavana, Maria Carlota, Pelópidas Bagelino, Epaminondas Piratinino. Domingos José de Almeida faleceu em Pelotas no dia 06 de Maio de 1871, já viúvo e na idade de setenta e quatro anos⁵³.

⁵¹ Nascido em 06/09/1825 e falecido em 22/06/1826. NEVES, Ilka. *Domingos José de Almeida e sua descendência*. Porto Alegre: EDIGAL, 1987, pp. 37.

⁵² Nascido em 16/10/1826 e falecido em 17/02/1827. NEVES, Ilka. *Domingos José de Almeida e sua descendência*. Porto Alegre: EDIGAL, 1987, pp. 37.

⁵³ ROSA, Othelo. *Vultos da Epopéia Farroupilha*. Porto Alegre: Globo, 1935, pp.103-110. / CUNHA, Zeferino José da. *Apontamentos para a história da Revolução de 1835: Biographia de Domingos José de Almeida*. Pelotas: Typographia da Livraria Americana, 1902. / NEVES, Ilka. *Domingos José de Almeida e sua descendência*. Porto Alegre: EDIGAL, 1987. / LESSA, Barbosa. Porto Alegre: Tchê!, 1985, 2 ed. / SPALDING, Walter. *Construtores do Rio Grande do Sul*. I Volume. Porto Alegre: Editora Sulina, 1969, pp. 177-182.

Juntamente com as famílias dos estancieiros e charqueadores, destacavam-se no grupo da elite algumas famílias de comerciantes. O comércio envolvia ligações entre a zona rural e a zona urbana, entre centros administrativos e/ou portos da Província. Eram os comerciantes os intermediários dos criadores de gado e dos charqueadores e, devido aos seus interesses e negócios, transitavam pela fronteira, o que lhes trazia benefícios e até mesmo a propriedade de terras na região da banda Oriental⁵⁴.

Antônio Vicente da Fontoura⁵⁵ foi um destes comerciantes. Nascido a 08 de Junho do ano de 1807, na vila de Rio Pardo. Era filho do agrimensor Euzébio Manoel Antonio, natural da freguesia de Nossa Senhora do Socorro de Lisboa, Portugal, e de Vicência Cândida da Fontoura, natural de Rio Pardo. Aprendeu as primeiras letras em Rio Pardo e posteriormente, foi trabalhar em uma casa de comércio na mesma vila, colocação arrumada por seu pai. Mais tarde seguiu para a vila de Cachoeira onde se empregou como caixeiro.

Nos fins de 1829, iniciou negócio próprio na mesma vila e neste mesmo período casou-se com Clarinda Francisca Porto. Contudo, seus negócios passaram por dificuldade, pois Antônio Vicente da Fontoura perdeu uma boa quantia em dinheiro que emprestara a um parente e também no jogo. Superada a crise, acabou por tornar-se um grande comerciante, não só de fazendas, secos e molhados, como de couros, erva-mate e gado.

Na mesma época em que abriu negócio por conta própria, Fontoura iniciara sua vida pública. Foi eleito Vereador da Câmara Municipal de Cachoeira. Em fins de 1831 foi nomeado Procurador Fiscal de Cachoeira; depois Capitão da Guarda Nacional; Juiz Ordinário; correspondente de “O Mensageiro”, jornal do movimento farroupilha; Major da Legião das Guardas Nacionais da Comarca de Rio Pardo; Chefe de Polícia de Rio Pardo; Coletor Geral de Vacaria, Cruz Alta, Santa Maria, São Gabriel, Cachoeira e Rio Pardo; Chefe Geral da Polícia de Cruz Alta; Deputado da Assembléia Constituinte e Legislativa do Estado Farrapo; Ministro da Fazenda do governo republicano; Ministro Interino da Guerra; membro da Comissão de Liquidação da Dívida Republicana; Embaixador da Paz nas negociações e assinatura da Paz do Ponche Verde.

⁵⁴ PADOIN, Maria M. *Federalismo Gaúcho*. Fronteira platina, Direito e Revolução. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

⁵⁵ DIÁRIO DE ANTÔNIO VICENTE DA FONTOURA. Porto Alegre: Sulina/ Martins, Caxias do Sul: EDUCS, 1984. / ROSA, Othelo. *Vultos da Epopéia Farroupilha*. Porto Alegre: Globo, 1935, pp.145-153./ ANTUNES, Paranhos. *Antônio Vicente da Fontoura: o Embaixador dos Farrapos*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1935./ SPALDING, Walter. *Construtores do Rio Grande*. III Volume. Porto Alegre: Editora Sulina, 1973, pp.87-92./ GUIMARÃES, José Pinto da Fonseca; FELIZARDO, Jorge Godofredo. *Genealogia Riograndense*. Volume I. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.

Finda a guerra dos Farrapos, regressou a Cachoeira com a finalidade de reconstituir suas economias e retornou a vida política ao lado de seu cunhado, o General José Gomes Portinho. Nesse período ocupou o cargo de Chefe do Partido Santa Luzia (liberal) e foi eleito Presidente da Câmara Municipal de Cachoeira.

Em 1860 tinham de ser renovados os mandatos dos Vereadores e Juizes de Paz de Cachoeira. A 07 de Setembro iniciaram-se as eleições que, por conta do grande número de votantes, foram interrompidas ao entardecer e iniciadas no dia seguinte. No dia 08 de Setembro participava da mesa Antônio Vicente da Fontoura, como um dos candidatos, quando, após uma confusão durante o pleito, foi esfaqueado pelo liberto Manoel Pequeno. Em consequência do ferimento recebido, veio a falecer no dia 20 de Outubro de 1860.

Antônio Vicente da Fontoura casou-se, em fins de 1829, com Clarinda Francisca Porto, filha do Tenente José Gomes Porto e Luzia Francisca de Almeida. Juntos tiveram 14 filhos: Antonio Eusébio, José Propício, Afonso Borges, Francisco de Paula, Bento, João Propicio, Tito Castilhos da Fontoura⁵⁶, Clarinda Amélia, Josepha Leopoldina, Gabriella Benta, Maria Egypcia, Vicencia Cândida, Antonia Francisca, Luzia Sophia.

A escolha por estas famílias se deu porque elas deixaram uma documentação de grande importância por sua qualidade e raridade, permitindo estudar os aspectos internos da família, ajudando a entendermos a sociedade do oitocentos no Rio Grande do Sul, tanto no âmbito social como no econômico. Além disso, a opção pela elite agrária sul-rio-grandense do século XIX e seus sujeitos como objetos desta pesquisa, vem ao encontro com o que afirma Revel:

A escolha do individual não é vista aqui como contraditória à do social: ela deve tornar possível uma abordagem diferente deste, ao acompanhar o fio de um destino particular – de homens, de um grupo de homens – e, com ele, a multiplicidade dos espaços e dos tempos, a meada das relações nas quais ele se inscreve⁵⁷.

⁵⁶ Adotou o nome de Castilhos por ter sido afilhado do Comendador Antonio Ferreira de Castilhos, pai de Júlio de Castilhos. GUIMARÃES, João Pinto da Fonseca; FELIZARDO, Jorge Godofredo. *Genealogia Riograndense*. Vol. I., Porto Alegre: Globo, 1937, pp.196.

⁵⁷ REVEL, Jacques (org). *Jogos de Escalas*. A experiência da microanálise. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, pp.21.

Domingos José de Almeida e Antônio Vicente da Fontoura, juntamente com suas famílias, são expoentes de um grupo dominante que atuava simultaneamente em diferentes atividades, buscando o prestígio e a manutenção de seus bens materiais e simbólicos⁵⁸. Para isto, se utilizavam de alianças matrimoniais e da construção de redes de relações e solidariedade⁵⁹, como também da atuação profissional.

⁵⁸ LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

⁵⁹ Neste caso, formadas por grupos de relações (familiares, amigos, vizinhos, aliados) que davam suporte quando se necessitava de ajuda material e de outros cuidados e favores.

CAPÍTULO 3

AS CORRESPONDÊNCIAS

A escritura de uma carta está sempre submetida ao código sócio-cultural de sua época. As correspondências são um objeto de escrita que está no domínio das representações, por isso a importância de percebê-las em seu contexto. A escrita e/ou a leitura de uma carta é um comportamento que tem a intenção de estabelecer ou manter uma comunicação com o outro, uma relação intersubjetiva, porque deve haver um código, um entendimento em comum entre quem a recebe e quem a escreve, para abolir as distâncias de todas as ordens.

*Em escrita de si, escrita da História*⁶⁰, Ângela de Castro Gomes apresenta-nos em seu prólogo, uma análise a respeito da correspondência pessoal. Ela nos fala sobre o quanto este ato está constituído do individualismo moderno e reforça a idéia de Mireille Bossis⁶¹ sobre a escrita de si ser uma prática cultural e que há subjetividade de quem escreve, pois o autor escreve “sua” verdade. Dessa forma, é necessário estar ciente do contexto em que estas correspondências estão inseridas e conhecer seus sujeitos.

Neste caso, temos a correspondência entre dois homens Antônio Vicente da Fontoura e Domingos José de Almeida com suas esposas, respectivamente, Bernardina Barcellos de Almeida e Clarinda Porto da Fontoura, que faziam parte da elite farroupilha. Estas correspondências foram escritas em meio à Guerra dos Farrapos, sendo assim, escritas em acampamentos militares ou em casas de abrigo. Tinham como objetivo transmitir e pedir notícias dos familiares e amigos. Eram enviadas quando tivesse portador que fosse ter contato com quem a carta estivesse endereçada, mesmo assim, havia um grande volume de cartas e elas eram constantes. As correspondências entre estes casais trazem tanto temas cotidianos e familiares, como informações políticas e sobre a situação da guerra. A linguagem e o vocabulário mostram grande afetividade entre os casais, além de cumplicidade, confiança e

⁶⁰ GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

⁶¹ BOSSIS, Mireille. Introduction. IN: BOSSIS, Mireille (dir.). *La lettre à la croisée de l'individuel et du social*. Paris: Éditions Kimé, 1994, pp.09- 13.

parceria. Por serem raras, estas cartas não podem ser comparadas a outras correspondências do período e nem se são formas comuns ou especiais. Contudo, muito de sua estrutura se mostra de acordo com alguns modelos descritos de correspondências familiares do século XIX, modelos vindos da Europa⁶².

As correspondências entre Domingos José de Almeida e Bernardina Barcellos de Almeida⁶³ estão preservadas no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul e foram publicadas nos Anais do mesmo⁶⁴, compilados em 14 volumes. Já as cartas de Antônio Vicente da Fontoura⁶⁵ encontram-se no Museu Júlio de Castilhos e foram publicadas, primeiramente, de forma parcial por Alfredo Ferreira Rodrigues em seu Almanaque Literário e estatístico do Rio Grande do Sul⁶⁶, e de forma integral na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul⁶⁷. No ano de 1984 as correspondências foram publicadas em forma de diário, conjuntamente, pelas editoras da Universidade de Caxias do Sul, Sulina e Martins Livreiro.

3.1 CONFIANÇA E PARCERIA

A análise das correspondências entre a elite farroupilha nos mostra que havia uma grande relação de confiança e parceria entre os casais estudados, mostrando sua vontade de reciprocidade. Estes casais, que formavam uma “entidade”, pois eles não eram apenas marido e mulher, eram um casal de confidentes e amigos, demonstravam nas cartas uma grande ligação entre si e uma preocupação com o estado de saúde de ambos e seus familiares, colocando a família como centro de preocupações e responsabilidades por parte dos que se

⁶² DAUPHIN, Cécile. Letter-Writing Manual in the Nineteenth Century. IN: CHARTIER, Roger; BOUREAU, Alain; DAUPHIN, Cécile (org.). *Correspondence: Models of letter-writing from the Middle Ages to the Nineteenth Century*. Translated by Christopher Woodall. Oxford: Polity Press, 1997, pp.112-157.

⁶³ No número de 75, escritas entre 03 de Fevereiro de 1836 a 27 de Dezembro de 1841.

⁶⁴ Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AAHRS), 14 volumes. Porto Alegre: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

⁶⁵ No número de 310, escritas entre 1º de Janeiro de 1844 a 22 de Março de 1845.

⁶⁶ DIÁRIO DE ANTÔNIO VICENTE DA FONTOURA. Porto Alegre: Sulina/ Martins, Caxias do Sul: EDUCS, 1984, pp.05.

⁶⁷ Ibidem, idem.

encontravam na guerra e dos que ficaram junto de suas famílias. Havia também a preocupação com o bem estar e o desejo do casal para que acabasse a guerra a fim destes viverem juntos novamente. As cartas mostram homens que esperavam viver com seus entes queridos em paz e a guerra é justificada como a garantia de um futuro bem estar para a família. A guerra, então, passa a ser vista como uma “vilã”, um sacrifício para que se obtenha uma melhor existência e, por sua causa, casais foram separados, famílias foram desmembradas e o medo de que algo pudesse acontecer aos seus familiares passa a estar presente em todos os momentos da vida dessas pessoas.

“Querida Bernardina⁶⁸

Porto Alegre, 25 de abril de 1835.

(...).Das tuas já tenho recebido e do contentamento que ambas em mim produziu poderás julgar pelas sensações que em ti sentes quando recebes as minhas. Bem aflito havia eu estado até poucos dias a esta parte por pensar que intrigas bem dirigidas haviam produzido desconfianças entre os nossos; porém vendo o contrário que se encaminha firme no bem da Província, o prazer renasceu em meu coração, já vivo contente, e as moças a me não deixarem com quebrantos; coitadas que perdem o seu tempo, porque não faço caso delas e, por conseguinte todas dizem que não há moça mais afortunada que tu, que eu sou o exemplo dos casados, e faço com isso que o estado seja apetecido. E que tal? Vê lá quanto vale o meu comportamento e quanto és feliz possuindo um marido moço, bonito, bem feito e fiel. Onde de se acha tanta coisa junta? Com efeito, neste século é fenômeno, é maravilha, etc, etc.

Abraços a nossos filhos, saudades a todos os nossos e adeus até o dia 23 do corrente, se Deus quiser, guarda-me alguma cousa.

Teu marido do coração

Almeida”.

⁶⁸ Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. 1977. Porto Alegre: Editora Instituto Estadual do Livro DAC/ SEC, v.02, C.V; 183, pp. 156-157.

As cartas podiam se apresentar como uma prova de que quem as escrevia estava disposto a dedicar seu tempo, em meio à guerra, para dirigir-se a quem estavam destinadas. Elas podiam apresentar emoções profundas, ainda mais entre os já casados.

“Meu Caro Marido do coração”⁶⁹

Pelotas, 03 de fevereiro de 1836.

(...) te escrevo esta querendo aproveitar o portador a fim de participar-te que todos andam com perfeita saúde, mas saudosos com a tua ausência, e eu muito mais, pois bem conheces o apreço que faço da tua amável companhia e, portanto com a maior instância te peço, faças por conservar uma vida que para mim é a coisa de maior consideração neste mundo, e além disto grava em teu pensamento que temos filhos e que a tua falta seria de grande dano para os mesmos, portanto, cautela e mais cautela; e fico tranqüila na persuasão de que meus rogos serão atendidos (...).

*Tua esposa muito amante do coração
Bernardina”.*

O casal viveu intensamente a guerra e suas moléstias, demonstrando a tentativa de manter a “normalidade” em suas cartas apesar de tudo o que estava ocorrendo. Eles viram seus filhos crescerem, seus familiares morrerem e seus amigos convalescerem em meio às batalhas, e certamente, encontraram no apoio mútuo a força para continuar a sobreviver. Como pode ser exemplificado na comovente carta que Domingos manda à sua esposa Bernardina:

“Querida Bernardina”⁷⁰

Piratini, 07 de maio de 1838.

⁶⁹ Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. 1977. Porto Alegre: Editora Instituto Estadual do Livro DAC/ SEC, v.02, C.V. 163, pp.134.

⁷⁰ Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. 1977. Porto Alegre: Editora Instituto Estadual do Livro DAC/ SEC, v.02, C.V. 241, pp.207.

(...).

Eu estimo, como sabes, a todos os teus manos: porém duvido que me custem tantos dissabores quanto o que tenho sofrido com a morte de Bernardino. Prima Marucas, Mateus, D. Francisca e João da Costa te enviam milhares de saudades e a todos da casa em geral; eu o mesmo faço dirigindo ternos abraços a nossos filhos e a ti o coração do

Teu Almeida”.

As correspondências nos apresentam diferentes temáticas tratadas pelos casais analisados, entre elas, pedidos de notícias sobre bem-estar, negócios, detalhes sobre a vida das crianças. A sua leitura nos revela momentos de apreensão, indignação, raiva e afeição familiar, dispostas muitas vezes como uma conversa espontânea. Algumas outras vezes, estas correspondências parecem incorporar uma fórmula em sua construção. Porém como afirma Peter Gay:

Uma vez que alguém adquire conhecimento suficiente e experiência do mundo, as fórmulas usadas para agradar os outros se tornam uma segunda natureza, tão automáticas que não exigem hesitação ou reflexão. Contudo, isso não significa que uma fórmula habitual seja um gesto de hipocrisia, uma emoção manipulada⁷¹.

⁷¹ GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: O Coração Desvelado*. Tradução Per Salter. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, vol.04, pp.357.

Antônio e Clarinda também sofreram as adversidades da guerra e, em uma época em que as doenças eram comuns e os médicos tinham pouca inserção na cura⁷², a questão da saúde era tratada com ansiedade e aparece em muitas de suas correspondências.

“Clarinda⁷³

Quaraí-mirim, 3 de janeiro de 1844.

Neste momento, chega o João Serrasin e soube por conduto da Cândida, mãe de Freitinhas, que tu havias estado muito doente, porém, que já te achavas melhor. Cruel destino! Virtude! Ah! Nome vão, de que me serves? De que me tens servido? Para amofinar somente a esposa que adoro, para saber que está doente e não poder a seu lado confortá-la em seus padecimentos. Ah! Minha Clarinda, talvez que, se eu fora um malvado, fosse mais propícia conosco a sorte!

(...)

De hoje até que receba carta tua, irei contando as horas mais amargas na minha vida. Sim, tu doente e falta de todos os recursos! Nem sei se o Pereira já mandou a condução, e te peço que, logo que ela chegue, se permitir a tua saúde, deixes essa vila, lugar para nós infenso, e onde a perfídia e ingratidão dos homens rasgou para sempre a última venda da minha sinceridade.

Clarinda, eu nem sei o que escrevo; pois a terrível certeza da tua moléstia e a cruel incerteza do teu melhoramento dão ao meu coração o mais terrível contraste de angústia.

Eu desconfio que o João Serrasin me disse que tu estavas melhor para consolar-me. Ah! Se assim é, ele fez muito mal, pois que para ver-te, mesquinho obstáculo são essas baionetas inimigas, mesquinho certamente, pois que sem ti de que me serve a vida?

Escreve, sim; conta-me o estado de tua saúde, se não me queres desesperar.

Adeus, etc.

Teu amante esposo Fontoura”.

⁷² WEBER, Beatriz T. *As Artes de Curar*. Santa Maria/Bauru: Ed. da UFSM/EDUSC, 1999./ WITTER, Nikelen A. *Dizem que foi feitiço: as práticas de cura no Sul do Brasil (1845-1880)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

⁷³ DIÁRIO DE ANTÔNIO VICENTE DA FONTOURA. Porto Alegre: Sulina/ Martins, Caxias do Sul: EDUCS, 1984, pp. 23.

A parceria entre Domingos José de Almeida e sua esposa Bernardina Barcelos de Almeida durou até a morte de Domingos em 1871⁷⁴. O mesmo aconteceu com Antônio Vicente da Fontoura, que manteve sua parceria com Clarinda Porto da Fontoura até 20 de outubro de 1860, quando morreu devido aos ferimentos graves recebidos em um atentado político em Cachoeira⁷⁵.

Através das correspondências trocadas por estes casais nota-se também a existência de um certo culto à masculinidade, onde há fortemente traços dos ideais de auto-sacrifício e de coragem, que, como se verificou nas cartas analisadas, não se aplicam somente aos homens. Em um período como este, de guerra e incertezas, provavelmente os ideais acima referidos acabaram se tornando quase que obrigações mútuas. Estas mulheres deveriam mostrar-se fortes e valorosas.

3.2. AS MULHERES DA ELITE FARROUPILHA (1835-1845)

Durante os anos em que ocorreram as batalhas farroupilhas, os homens que dela participaram deixaram para trás suas famílias em detrimento dos combates. Estas famílias, que eram antes chefiadas por homens, permaneceram, muitas vezes, nas suas estâncias ou charqueadas sob os cuidados femininos. Essa questão mostra que as mulheres não deveriam ter apenas habilidades domésticas, graças sociais e bom caráter. Era preciso também competência na administração dos bens do casal. Elas certamente não assumiram este tipo de posição sem um conhecimento prévio do funcionamento das suas propriedades. E ao tratarmos de um período de guerra, era necessário também que estas mulheres soubessem viver seus revezes.

A análise de cartas trocadas entre os casais aqui estudados mostram essa questão:

⁷⁴ ROSA, Othelo. *Vultos da Epopéia Farroupilha*. Porto Alegre: Globo, 1935, pp.110.

⁷⁵ DIÁRIO DE ANTÔNIO VICENTE DA FONTOURA. Porto Alegre: Sulina/ Martins, Caxias do Sul: EDUCS, 1984, pp.153.

“Minha Clarinda”⁷⁶

Campo do Piraí, 24 de janeiro de 1844.

Vês tu as mãos de um índio bem tisonado? Pois assim estão as minhas. Nunca vi sol que queimasse tanto! Quando entro nalgum arroio para lavar-me despindo-me, sempre me lembro do pavão; dizem que ele, ao olhar para os pés entristece; talvez me acontecesse o mesmo se, olhando para minhas mãos, não me lembrasse logo das tuas que, por causa do trabalho, já do forno, já da plantação com que vais ajudando a vestir e a sustentar nossos filhinhos, devem estar não só morenas, como pisadas do grosseiro serviço a que não eram acostumadas.

Graças, porém aos nossos pais que, não nos educando com excessivo efeminado luxo, souberam prevenir estes revezes que nos preparava a sorte! Parece mesmo, minha querida, que te antecipava a serviços tão duros... Sim, outrora, quando vivíamos no regaço da paz e na abundância, nunca deixavas de dar-te a semelhantes serviços. Ah! Quantas vezes eu te dizia: - Clarinda para que trabalhas tanto? Acaso tens precisão?

O que me respondias então, eu já não me lembro, mas é verdade que sempre foram judiciosas as tuas respostas, e oxalá que em muitos assuntos eu houvesse seguido teu parecer!

(...).

Um abraço a todos os nossos filhinhos. Adeus, etc.

Teu amante esposo

Fontoura”.

“Minha Clarinda”⁷⁷

Campo na Carolina, 23 de março de 1844.

(...) tu me falas em vendermos a chácara do Alegrete, e nesse caso eu me lembro de dá-la ao Joaquim dos Santos, como uma lembrança dos favores que lhe devemos, o que se for da tua aprovação me dirás para te remeter o papel de doação para tu assinares, e quando

⁷⁶ DIÁRIO DE ANTÔNIO VICENTE DA FONTOURA. Porto Alegre: Sulina/ Martins, Caxias do Sul: EDUCS, 1984, pp. 33.

⁷⁷ DIÁRIO DE ANTÔNIO VICENTE DA FONTOURA. Porto Alegre: Sulina/ Martins, Caxias do Sul: EDUCS, 1984, pp. 63.

não, como não pretendo ali residir, mandarei a procuração bastante para mandares fazer a venda.

(...) Quanto a essas faltas que tem havido, são devidas às vicissitudes da guerra e não jamais ao indiferentismo ou negligência de um marido e pai extremoso.

Adeus, etc.

Teu amante esposo

Fontoura”.

Nesse trecho fica exposta a posição de Clarinda como sujeito importante na relação conjugal e na qualidade de gerenciadora dos bens destes, visto que seria somente com a aprovação desta que se faria o negócio proposto por seu marido Antônio Vicente da Fontoura. Outro casal que através de suas correspondências demonstrava a mesma preocupação e posicionamento da esposa em questões administrativas era o formado por Domingos José de Almeida e sua esposa Bernardina Barcellos de Almeida.

“Querida Bernardina⁷⁸

Piratini, 06 de novembro de 1836, às 7 da noite.

(...) Faze quanto antes te recomendei pelo compadre José Félix, podendo dividir o negócio por diversas pessoas, e tirando disso alguma utilidade em salários ainda que por pequenos sejam, para o que te envio procuração. Remete essas cartas a fim de te prevenires, e a cobrança de Jaime Legris encarrega ao Sr. Manuel Gonçalves, conservando sempre as carretas e bois em ação de viagem para o que mandarás toldas (...).

Abraços a nossos filhos, saudades ao compadre José Félix, a quem dirás que o Sr. Pedro fica bom, e recebe tu o coração do teu fiel

Almeida”.

⁷⁸ Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. 1977. Porto Alegre: Editora Instituto Estadual do Livro DAC/ SEC, v.02, C.V. 206; pp. 182-183.

“Minha querida Bernardina⁷⁹

Porto Alegre, 17 de fevereiro de 1836.

(...) e desejando eu conformar-me sempre com a tua vontade, porque disso és merecedora, vou descrever o estabelecimento que te disse tencionava arrendar. Uma casa com muitos cômodos, tendo um lance de sobrado, contendo este sofrível sala, duas alcovas, escritório e uma sotéia que corresponde com a sala.

(...)

Eis aqui, minha querida Bernardina, fielmente o quadro que faço; mas como disse, desejando marchar com a tua vontade, te rogo me digas com franqueza se te violentas para esta mudança, porque tudo se poderá conciliar.(...).

Abraços em nossos filhos, visitas a todos os nossos e amigos; teu pai, compadre José Félix e o amigo Chastan que haja esta por sua e tu recebe o coração do

Teu Almeida”.

“Minha cara Bernardina⁸⁰

Porto Alegre, 23 de fevereiro de 1836.

(...).

Ontem acabei de fechar o trato do arrendamento do estabelecimento em que te falei por causa do que me disseste na tua de 06 do presente mês

Teu Almeida”.

Os trechos escolhidos mostram que Bernardina gerenciava os negócios e quando não o fazia, e sim seu marido, ela participava das decisões deste, como no caso da compra de um estabelecimento. Negócio este que se julga, só foi efetuado de acordo com a resposta de

⁷⁹ Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. 1977. Porto Alegre: Editora Instituto Estadual do Livro DAC/ SEC, v.02, C.V. 206; pp. 162-165.

⁸⁰ Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. 1977. Porto Alegre: Editora Instituto Estadual do Livro DAC/ SEC, v.02, C.V. 191; pp.165-166.

Bernardina. Outra questão a ser levantada é que se for feita uma comparação entre as cartas de Antônio Vicente da Fontoura (23 de março de 1844) e de Domingos José de Almeida (06 de dezembro de 1836) nota-se que o primeiro só executará o negócio com a assinatura de sua esposa, o que pode mostrar que a propriedade a ser negociada pertencia a ela. Enquanto que na carta de Domingos a Bernardina, ela faria o negócio por meio de procuração, mostrando que esta tomava conta do negócio, mas que o bem não lhe pertencia e sim a seu marido. É preciso lembrar que estas mulheres pertenciam a importantes famílias da Província. Clarinda era filha do Tenente José Gomes Porto e irmã do General José Gomes Portinho, enquanto Bernardina vinha de uma das famílias charqueadoras mais prósperas de Pelotas.

Contudo, não só da administração dos bens móveis e dos bens de raiz se responsabilizavam as mulheres, o mesmo acontecia na administração e transporte dos escravos. Estes casais e mulheres representam tantos outros desta mesma elite, que viveram esta mesma guerra, sofreram com ela e encontraram ajuda entre amigos e a comunidade em que viviam.

Estas relações comunitárias possibilitaram a mobilidade de muitos homens, mulheres e suas famílias quando ameaçadas por tropas inimigas. Ao evidenciarem a aproximação de forças adversárias, as mulheres partiam para outros lugares considerados mais seguros, não descartando as casas de familiares e amigos. Bernardina Barcellos de Almeida, durante o período das batalhas, dirigiu-se à Feliz Retiro, Pedras Altas, Chuí, Caçapava, Bagé, entre outros locais, a fim de manter aos seus filhos e a si protegida e o mais próximo possível de seu marido Domingos de Almeida. Clarinda Porto da Fontoura também se deslocou entre os lares de alguns familiares e amigos. Os filhos eram uma questão freqüente nas cartas. Havia uma preocupação genuína com a vida destes e com algumas questões que envolviam o seu cotidiano.

3.3. FILHOS

Mesmo em meio à guerra, havia tempo para a preocupação com a instrução dos filhos. Domingos de Almeida, que sempre teve a educação como uma de suas metas e destacou parte de seu tempo como Ministro do Interior na criação das denominadas escolas de primeiras letras para a Província, demonstrou, em algumas cartas, grande preocupação com a educação

de seus filhos, pedindo a sua esposa Bernardina que ficasse atenta aos ensinamentos prestados aos mesmos.

“Querida Bernardina⁸¹

Piratini, 08 de junho de 1837.

(...).

Ainda penso que ficarias bem na casa de Manuel Gonçalves, em razão de Felix tomar a direção do ensino de nossos filhos.

A eles abraças por mim, recomendar-me-ás a todos os parentes em geral e tu recebe o coração do

Teu amante Almeida”.

“Querida Bernardina⁸²

Piratini, 24 de outubro de 1837.

(...). Eu, apesar de não sair da banca com João da Cunha, suponho que não vencerei minha escrita ainda nestes doze dias, o que bastante me amofina, por querer voar a procurar meios de descanso e de educar nossos filhos.(...).

(...) abraço a nossos filhos, e tu recebe o coração do

Teu Almeida”.

⁸¹ Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. 1977. Porto Alegre: Editora Instituto Estadual do Livro DAC/ SEC, v.02, C.V. 191; pp.165-166.

⁸² Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. 1977. Porto Alegre: Editora Instituto Estadual do Livro DAC/ SEC, v.02, C.V. 198; pp. 229.

No fragmento a seguir, Domingos de Almeida mostrou-se pouco contente com a importância e aplicação que seu filho Bernardino dava aos estudos, o que demonstrou em sua carta:

*“Querido Bernardino*⁸³

Piratini, 24 de janeiro de 1841.

Tuas cartas de 14 e 22 do corrente me têm enchido de vivo prazer, por saber que ao fazê-las ficavas de saúde: porém a falta de ortografia que nelas noto, a repetição de palavras e oração incorreta me faz pensar ou que pouco atendes a teus mestres, ou que estes pouco têm se aplicado na tua instrução. O talhe da tua letra não é mau, mas ainda muito acanhado; pelo que seria bom que escrevesse algum tempo letras grandes com o braço no ar.

A par disto não te descuides da gramática nacional, sem a qual nunca escreverás com acerto.

Se aí houver quem ensine francês aplica-te ao menos na tradução dessa língua, não desprezando a aritmética. Isto mesmo recomenda a Luís.

(...).

Sede obediente à tua mãe, estima a teus irmãos, respeita a todos em geral para satisfação de

Teu pai e amigo que todo o bem te deseja

Almeida”.

Nesta época a alfabetização realizava-se de modo individual, embora anteriormente houvesse o método Lancaster de alfabetização em grupo, que acabou por fracassar devido ao despreparo dos professores, já que não havia nem mesmo uma escola para a formação destes. Para tornar-se professor era necessário apenas prestar um exame diante de uma banca composta pelos vereadores municipais. Para obter maior instrução era preciso buscá-la fora da Província ou em seminários⁸⁴. Estas cartas nos dão a idéia de que havia participação na

⁸³ Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. 1977. Porto Alegre: Editora Instituto Estadual do Livro DAC/ SEC, v.02, C.V. 439; pp.341.

⁸⁴ FLORES, Moacyr. *Modelo Político dos Farrapos: as idéias políticas da Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996. 4 ed. pp. 35-36.

preparação para a vida adulta dos filhos, assim como uma grande preocupação com o planejamento do futuro destes, pois a alfabetização podia ser um importante elemento na vida desta elite sul-rio-grandense, já que possibilitava a ascensão sócio-profissional e até mesmo política. Além disso, as transformações institucionais e jurídicas ocorridas no século XIX, que ampliaram as posições políticas e econômicas, fizeram com que a elite se reorganizasse para dedicar-se a vários campos e atividades (alguns seguiram as mesmas atividades dos pais) e a educação passou a ser requisito básico para a atuação em diversos campos.

E não foi somente a educação que contribuiu para a ampliação deste grupo. Os filhos também eram de grande importância na formação de alianças parentais, pois “os casamentos permitiam, assim, que a família solidificasse sua atuação em determinado campo e estendesse sua presença para outros”⁸⁵. Em sua tese, Luís Augusto Farinatti nos apresenta o campo de relações em que estavam inseridos sujeitos pertencentes à elite agrária fronteiriça, elite esta composta por estancieiros, militares e comerciantes, como os aqui estudados. Ele constatou em sua pesquisa que as famílias da elite auxiliavam a formação dos filhos, como também suas atividades e casamentos. Um dos sujeitos de sua análise foi Bento Manuel Ribeiro, militar e estancieiro que lutou algumas vezes ao lado dos farroupilhas (1835-1845) e que compartilhou o cotidiano de guerra de Domingos José de Almeida e de Antônio Vicente da Fontoura⁸⁶.

⁸⁵ FARINATTI, Luís Augusto Ebling. *Confins Meridionais: famílias de elite e sociedade agrária na Fronteira Sul do Brasil (1825-1865)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. PPG – História Social, 2007 (tese de Doutorado).

⁸⁶ *ibidem*.

CONCLUSÃO

Os estudos sobre família têm se mostrado de grande importância para um entendimento das organizações políticas e sócio-econômicas, em diferentes períodos. Estes estudos ganharam grande impulso a partir das pesquisas sobre demografia histórica realizados pela historiografia européia nas primeiras décadas do século XX. A demografia histórica se constituiu em disciplina autônoma a partir da segunda metade da década de 1940. Porém, os estudos demográficos partiam mais da qualidade das fontes de uma determinada região do que do significado destas mesmas para o entendimento e composição de estruturas e teorias mais amplas. Os estudos sobre família no Brasil tiveram como grandes precursores Oliveira Vianna e Gilberto Freyre. A partir da década de 70, os estudos sobre família se baseavam, sobretudo, em viajantes e criticavam o modelo teórico de família patriarcal como modelo dominante na família brasileira nos períodos colonial e monárquico. Eles refazem uma análise da família no Brasil, criticando muito das idéias existentes sobre o patriarcalismo brasileiro e identificando estruturas da população e organização de famílias e domicílios de formas diversificadas, o bastante para questionar o padrão patriarcal e escravocrata dos estudos anteriores. Já nos anos 90, os pesquisadores ampliaram seus estudos e passaram a se dedicar ainda mais à análise de outros tipos de formações familiares existentes no Brasil, como famílias escravas, famílias camponesas e famílias operárias, entre outras.

No Rio Grande do Sul, a historiografia referiu-se a temáticas familiares e dos costumes e tradições da sociedade em algumas ocasiões. Mas foi recentemente que a historiografia sobre o Rio Grande do Sul começou a fazer uso de novos materiais como testamentos, licenças para casamento, registros de óbitos, entre outros e de novas análises sobre mulheres, relações familiares e casamento na virada do século XIX para o XX.

Dentro desta nova perspectiva de uso de novos materiais, este trabalho se propôs a entender a sociedade sul-rio-grandense do século XIX e sua elite, em meio a guerra dos farrapos, através das correspondências trocadas entre alguns membros deste grupo.

A análise das correspondências entre a elite farroupilha nos mostra que havia uma grande relação de confiança e parceria entre os casais estudados, uma preocupação com o bem estar de familiares e amigos e o desejo do casal para que acabasse a guerra a fim destes viverem juntos novamente. As correspondências nos mostram também um novo olhar sobre

as mulheres que compunham esta elite. A guerra nos aponta a importância destas mulheres nas decisões familiares, na administração dos bens e das propriedades. Ao analisar a elite farroupilha sul-rio-grandense do século XIX, observou-se que tanto os homens quanto as mulheres ocupavam importantes papéis familiares, não apenas na vida doméstica, mas também na econômica, guardadas as proporções aceitas na sociedade da época referentes à divisão do trabalho entre os sexos.

A preocupação com os filhos também se mostra em algumas cartas e nos dão a idéia de que havia participação na preparação para a vida adulta de seus filhos, assim como uma grande preocupação com o planejamento do futuro destes, pois a alfabetização, assim como o matrimônio, podia ser um importante elemento na vida desta elite, já que possibilitava a ascensão sócio-profissional e até mesmo política. Além disso, as transformações institucionais e jurídicas ocorridas no século XIX, que ampliaram as posições políticas e econômicas, fizeram com que a elite se reorganizasse para dedicar-se a vários campos e atividades e a educação passou a ser requisito básico para a atuação em diversos campos.

Estudar as relações familiares da elite farroupilha é entender a sociedade do século XIX, pois a família neste período tinha uma posição dominante como uma instituição social, comercial e política. Além disso, uma pesquisa deste caráter tem grande importância, pois o entendimento das funções sociais da elite farroupilha, sua “visão de mundo”, seu papel social, influenciaram profundamente a sociedade sul-riograndense e suas relações, não só no período da Guerra Farroupilha (1835-1845), como a sociedade sul-rio-grandense dos períodos posteriores.

FONTES

FONTES IMPRESSAS

ANAIS DO ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL, (AAHRS – Coleção Varella), 14 volumes. Porto Alegre: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

DIÁRIO DE ANTÔNIO VICENTE DA FONTOURA. Porto Alegre: Sulina/ Martins, Caxias do Sul: EDUCS, 1984.

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

ORDENAÇÕES FILIPINAS. Livro 04, Tit. 80-107. Disponível em <http://www.uc.pt/ihti/proj/filipinas/ordenacoes.htm>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Paranhos. *Antônio Vicente da Fontoura: o Embaixador dos Farrapos*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1935.

ARANTES, Antônio Augusto, et al. *Colcha de Retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. 3 ed. São Paulo: UNICAMP, 1994.

AREND, Sílvia M. F. *Amasiar ou casar? A família popular no final do século XIX*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2001.

ARIÈS, Philippe. *História Social da criança e da Família*. Tradução Dora Flaksman. 2ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARCELOS, Ramiro. *Rio Grande Tradição e Cultura*. Porto Alegre: Flama, 1970.

BECKER, Klaus. *Enciclopédia Rio-Grandense*. Canoas: Regional, 1956.

BILHÃO, Isabel A. *Família e movimento operário: a anarquia dentro de casa*. Estudos Ibero-americanos, v.2, n.2, 1996, pp.195-210.

BOSSIS, Mireille. Introduction. IN: BOSSIS, Mireille (dir.). *La lettre à la croisée de l'individuel et du social*. Paris: Éditions Kimé, 1994, pp.09- 13.

BURGUIÈRE, André (org.). *História da Família*. Tradução Ana Santos da Silva e João Silva Saraiva. Lisboa: Terramar, v.1,1996.

_____. Tradução Ana Santos da Silva e João Silva Saraiva. Lisboa: Terramar, v.2, 1996.

_____. Tradução Ana Santos da Silva e João Silva Saraiva. Lisboa: Terramar, v.3, 1996.

_____. Tradução Ana Santos da Silva e João Silva Saraiva. Lisboa: Terramar, v.4, 1996.

CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira. IN: ARANTES, Antonio Augusto [et al.]. *Colcha de Retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. 3. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1994, p.15-42.

CUNHA, Zeferino José da. *Apontamentos para a história da Revolução de 1835*: Biographia de Domingos José de Almeida. Pelotas: Typographia da Livraria Americana, 1902.

DAUPHIN, Cécile. Letter-Writing Manual in the Nineteenth Century. IN: CHARTIER, Roger; BOUREAU, Alain; DAUPHIN, Cécile (org.). *Correspondence: Models of letter-writing from the Middle Ages to the Nineteenth Century*. Translated by Christopher Woodall. Oxford: Polity Press, 1997, pp.112-157.

DEL PRIORI, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1990. 2.ed. rev.

ENGEL, Magali. História e Sexualidade. IN: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro F. *Domínios da História*. Ensaios de Teorias e Metodologia. 9ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp.297-311.

FARIA, Sheila de Castro. História da Família e da Demografia Histórica. IN: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro F. *Domínios da História*. Ensaios de Teorias e Metodologia. 8ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp.241-258.

FARIA, Sheila de Castro. *A colônia em movimento*. Fortuna e Família no Cotidiano colonial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FARINATTI, Luís Augusto Ebling. *Confins Meridionais: famílias de elite e sociedade agrária na Fronteira Sul do Brasil (1825-1865)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. PPG – História Social, 2007 (tese de Doutorado).

FERTIG, André Átila. *Clientelismo político em tempos belicosos: a Guarda Nacional na província do Rio Grande do Sul na defesa do Estado Imperial centralizado (1850-1873)*. Porto Alegre: PPG – UFRGS, 2003 (tese de Doutorado).

FLORES, Moacyr. *Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

FLORES, Moacyr. *Modelo Político dos Farrapos: as idéias políticas da Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996. 4 ed.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 32 ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 3 ed. São Paulo: Nacional, 1961.

GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos*. Tradução Per Salter. São Paulo: Companhia das Letras, v.01, 1999.

GAY, Peter. *A experiência burguesa: da rainha Vitória a Freud – A paixão terna*. Tradução Sérgio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, v.02, 1988-1990.

GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: O Coração Desvelado*. Tradução Per Salter. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, vol.04.

GIL, Tiago Luís. *Infiéis Transgressores: os contrabandistas da fronteira (1760-1810)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, PPG – História Social, 2002 (dissertação de Mestrado).

GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. O Rio Grande de São Pedro na primeira metade do século XIX: Estados-nações e regiões províncias no Rio da Prata. IN: GRIJÓ, Luiz Alberto; KÜHN, Fábio; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos et al [org.]. *Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, pp.91-120.

GUIMARÃES, José Pinto da Fonseca; FELIZARDO, Jorge Godofredo. *Genealogia Riograndense*. Volume I. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.

HAMEISTER, Martha Daisson. *O Continente do Rio Grande de São Pedro: os homens suas redes de relações e suas mercadorias semoventes*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. PPG - História Social, 2002 (dissertação de Mestrado).

HEINZ, Flávio M. (org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HOEBEL, L. Adson, FROST, Everett L. *Antropologia Cultural e Social*. São Paulo: Cultrix, 1995.

ISABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio Grande do Sul. 1833-1834*. Tradução Dante de Laytano. 2ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

KÜHN, Fábio. *Gente da Fronteira: Família, sociedade e poder no sul da América Portuguesa – século XVIII*. Niterói: Universidade Federal Fluminense. PPG - História Moderna, 2006 (tese de Doutorado).

KÜHN, Fábio. *Gente da Fronteira: sociedade e família no sul da América portuguesa – século XVIII*. IN: GRIJÓ, Luiz Alberto; KÜHN, Fábio; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos et al [org.]. *Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, pp.47-74.

- KUZNESOF, Elizabeth A. A Família na Sociedade Brasileira: Parentesco, Clientelismo e Estrutura Social (São Paulo, 1700-1980). IN: SAMARA, Eni de Mesquita (org.). *Família e Grupos de Convívio*. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, vol.09, n.17, setembro de 1988/ fevereiro de 1989, pp. 37-63.
- LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. Tradução Marie-Agnès Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- LASLETT, Peter. *Households and Family in Past Time*. Cambridge: Cambridge University Press, 1972.
- LAYTANO, Dante. *Folclore do Rio Grande do Sul: levantamento dos costumes e tradições gaúchas*. Caxias do Sul: EDUCS, Porto Alegre: Escola Superior de Teologia/ São Lourenço Brindes, Martins Livreiro, 1984.
- LEITMAN, Spencer. *Raízes sócio-econômicas da Guerra dos Farrapos*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- LESSA, Barbosa. Porto Alegre: Tchê!, 1985, 2 ed.
- LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial*. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVIII. Tradução Cynthia Marques de Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Tradução Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1982. 3ed.
- MACFARLANE, Alan. *História do Casamento e do Amor*. Inglaterra, 1300-1840. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- MARCÍLIO, Maria Luíza. *Crescimento demográfico e evolução agrária paulista 1700-1836*. Tese de livre-docência. São Paulo: FFLCHUSP, 1974.
- MEYER, Augusto. 1975. *Guia do Folclore Gaúcho*. Rio Grande do Sul: Instituto Nacional do Livro.
- NAZZARI, Muriel. *O desaparecimento do dote: mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NEVES, Ilka. *Domingos José de Almeida e sua descendência*. Porto Alegre: EDIGAL, 1987.
- OSÓRIO, Fernando. *Mulheres Farrapilhas*. Porto Alegre: Globo, 1935.
- OSÓRIO, Helen. *Estancieiros, lavradores e comerciantes na constituição da Estremadura Portuguesa na América: Rio Grande de São Pedro, 1737-1822*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1999 (tese de Doutorado).
- OSÓRIO, Helen. *Estancieiros que plantam, lavradores que criam e comerciantes que charqueiam: Rio Grande de São Pedro, 1760-1825*. IN: GRIJÓ, Luiz Alberto; KÜHN, Fábio;

GUAZZELLI, César Augusto Barcellos et al [org.]. *Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, pp.75-90.

PADOIN, Maria M. *Federalismo Gaúcho*. Fronteira platina, Direito e Revolução. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

PESAVENTO, Sandra J. *A Revolução Farroupilha*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

RETAMOZO, Aldina Correa; RÜDIGER, Francisco Ricardo et al. *O papel da mulher na Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Editora Tchê!, [198-].

REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escalas*. A experiência da Microanálise. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

RIBEIRO, José Iran. *Quando o serviço os chamava: milicianos e guardas nacionais no Rio Grande do Sul (1825-1845)*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2005.

ROSA, Othelo. *Vultos da Epopéia Farroupilha*. Porto Alegre: Globo, 1935.

ROUGEMONT, Denis de. *História do Amor no Ocidente* Tradução Paulo Brandi e Ethel Brandi. 2ed. São Paulo: Ediouro, 2003. Reform.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. 1820-1821. Tradução Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1974.

SAMARA, Eni de Mesquita. *O papel do agregado na região de Itu (1780-1839)*. São Paulo: Museu Paulista, 1977.

SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense (Coleção Tudo é História; 71), 1998.

SAMARA, Eni de Mesquita (org.). *Família e Grupos de convívio*. Revista Brasileira de História. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, vol.9, n.17, setembro de 1988/fevereiro de 1989.

SENNA, Adriana K. de. *A instituição matrimonial: os casamentos em Rio Grande (1889-1914)*. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2001.

SLENES, Robert. *Na Senzala uma Flor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. IN: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro F. *Domínios da História*. 9 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp.275-296.

SOUZA, Susana Bleil de; PRADO, Fabrício Pereira. Brasileiros na fronteira uruguaia: economia e política no século XIX. IN: GRIJÓ, Luiz Alberto; KÜHN, Fábio; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos et al [org.]. *Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, pp.121-146.

SPALDING, Walter. *A epopéia farroupilha*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1963.

SPALDING, Walter. *Construtores do Rio Grande do Sul*. I Volume. Porto Alegre: Editora Sulina, 1969.

SPALDING, Walter. *Construtores do Rio Grande*. III Volume. Porto Alegre: Editora Sulina, 1973.

VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no Ocidente Cristão*. São Paulo: Ática, 1986.

VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VIANNA, Oliveira. *Populações Meridionais do Brasil*. Volume 02. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

VIANNA, Oliveira. *Populações Meridionais do Brasil*. Volume 01. Belo Horizonte: Itatiaia. Niterói: EDUFF, 1987.

WEBER, Beatriz T. *As Artes de Curar*. Santa Maria/Bauru: Ed.da UFSM/EDUSC, 1999.

WITTER, Nikelen A. *Dizem que foi feitiço: as práticas de cura no Sul do Brasil (1845-1880)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

ZARTH, Paulo. *Do Arcaico ao Moderno: as transformações no Rio Grande do Sul rural do século XIX*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1994 (tese de doutorado).